



## **05 DE FEVEREIRO DE 2016**

### **Sexta-feira**

- TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 9ª REGIÃO CONFIRMA: 19 DE DEZEMBRO NÃO É FERIADO PARA AS EMPRESAS REPRESENTADAS PELO SINDIMETAL/PR
- INDICADORES CONJUNTURAIS – DEZEMBRO 2015
- AS EMPRESAS QUE MAIS SE BENEFICIARAM DO PROGRAMA DE PROTEÇÃO AO EMPREGO
- INDÚSTRIA DO PARANÁ ENCOLHEU 9,6% EM 2015
- DEMISSÃO DE 453 NA LG EM TAUBATÉ VAI A JULGAMENTO NO TRT
- GERDAU FAZ ACORDO COM JFE STEEL PARA FABRICAR CHAPAS GROSSAS NO BRASIL
- EDITORIAL: TRAGÉDIA INDUSTRIAL
- ABRE E FECHA: CONFIRA HORÁRIOS DE BANCOS, SHOPPINGS E SERVIÇOS PÚBLICOS EM CURITIBA NO CARNAVAL
- MANIFESTANTES INVADEM ESTAÇÕES-TUBO NO CENTRO DE CURITIBA E LIBERAM CATRACAS
- INFLAÇÃO FARÁ DE 2016 MAIS UM ANO RUIM PARA A POUPANÇA
- PRODUÇÃO DE VEÍCULOS EM JANEIRO TEM QUEDA QUE REMETE A 2003
- BRASIL E URUGUAI ASSINAM TERMO PARA FACILITAR COMÉRCIO ENTRE OS DOIS PAÍSES
- ENTREVISTA: BRASIL PODE CRIAR A INDÚSTRIA 4.0 VERDE E AMARELA
- LUCRO DESPENCA E ARCELORMITTAL LANÇA OFERTA DE AÇÕES DE US\$ 3 BILHÕES
- PRODUÇÃO DE VEÍCULOS CAI 29,3% EM JANEIRO E ANFAVEA RECLAMA DE IMPOSTOS
- DUKE ENERGY DIZ QUE PODERÁ VENDER PARCIAL OU TOTALMENTE USINAS NO BRASIL

- SE EMPRESAS ATRASAREM OS SALÁRIOS, GRANDE CURITIBA AMANHECERÁ SEM ÔNIBUS NESTE SÁBADO
- ENCOMENDAS À INDÚSTRIA ALEMÃ CAEM 0,7% EM DEZEMBRO ANTE NOVEMBRO
- CHINA QUER REDUZIR CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DE AÇO EM ATÉ 150 MILHÕES DE TONELADAS
- FCA FIAT CHRYSLER REESTRUTURA ÁREA COMERCIAL NO BRASIL
- EXPORTAÇÕES CRESCEM 37% EM JANEIRO
- ANFAVEA INSISTE EM CULPAR SÓ IMPOSTO POR PREÇO ALTO NO BRASIL
- PROCURA POR MÁQUINAS CAI MAIS QUE O ESPERADO
- TOMBO NAS VENDAS DE VEÍCULOS JÁ ERA ESPERADO PELA ANFAVEA
- CODISTIL DEVE FECHAR UNIDADE EM JABOATÃO
- FOLGAS DO CARNAVAL SERÃO "ESTICADAS"
- BRADESCO CAPTA US\$ 375 MILHÕES PARA FINANCIAR PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS
- VOLVO SE PREPARA PARA DESACELERAÇÃO NOS EUA DEPOIS DE LUCRO ABAIXO DO ESPERADO
- PRODUÇÃO INDUSTRIAL RECUA EM 9 DOS 14 LOCAIS PESQUISADOS EM DEZEMBRO
- USIMINAS DEMITIRÁ 1,8 MIL FUNCIONÁRIOS EM CUBATÃO
- GERDAU FECHA ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA EM CHAPAS GROSSAS COM JAPONESA JFE STEEL
- DELTA WING E DHX QUEREM ENCOLHER MOTORES SEM COMPROMETER A POTÊNCIA
- BANDEIRA AMARELA ALIVIA IPCA DE MARÇO, MAS NÃO PROJEÇÃO PARA 2016
- CÓDIGO DE MINERAÇÃO ENTRA NA PAUTA DE VOTAÇÕES DA CÂMARA
- SETOR DE AUTOPEÇAS PREVÊ MAIS 8 MIL DEMISSÕES NESTE ANO

<b>CÂMBIO EM 05/02/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,894	3,894
<b>Euro</b>	4,337	4,339

**Fonte: BACEN**

## Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região confirma: 19 de dezembro não é feriado para as empresas representadas pelo SINDIMETAL/PR

05/02/2016 – Fonte: SINDIMETAL/PR

Em mais uma decisão proferida pelos desembargadores da 5ª Turma do TRT do Paraná, foi negado o pedido de reconhecimento do dia da Emancipação Política do Paraná (19/12) como sendo feriado estadual.

Tal pedido foi formulado pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) em uma Ação Civil Pública.

Os magistrados consideraram que a Lei Estadual nº 18.384, publicada no final de 2014, revogou a lei anterior e pôs fim aos questionamentos sobre o assunto, estabelecendo que a data não é feriado

A mesma decisão já havia sido proferida em favor do Sindimaq e das suas empresas representadas. **Desta vez, a ação foi favorável ao SINDIMETAL/PR.**

Foi relator do acórdão o Desembargador Archimedes Castro Campos Junior.

Para ler a íntegra do acórdão: [Clique Aqui](#).

Da decisão de segunda instância ainda cabe recurso.

Mais informações podem ser obtidas no Departamento Jurídico do SINDIMETAL/PR

## Indicadores Conjunturais – Dezembro 2015

05/02/2016 – Fonte: FIEP

A Pesquisa Conjuntural da Indústria é realizada a partir de informações prestadas por empresas que representam mais de 90,00% do faturamento e mais de 40,00% do número de empregados da indústria paranaense.

Ela integra os Indicadores Industriais - CNI, realizada pela Confederação Nacional da Indústria, ao lado de pesquisas de outros estados e que dão um panorama da situação nacional nos diversos segmentos industriais.

Para acessar o documento - [Clique Aqui](#)

## As empresas que mais se beneficiaram do Programa de Proteção ao Emprego

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Anunciado em julho do ano passado pelo governo federal como uma forma de frear demissões em empresas afetadas pela crise, o Programa de Proteção ao Emprego (PPE) terminou 2015 com a adesão de 53 companhias.

No período, 40,9 mil trabalhadores foram beneficiados pelo programa, que prevê a redução da jornada e dos salários em até 30% por seis meses, com a diferença salarial sendo custeada parcialmente pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

O balanço, que leva em conta dados do Ministério do Trabalho e Emprego, foi divulgado na quinta-feira (4) pelo jornal *Valor Econômico*. Segundo o jornal, os contratos de redução da jornada já aprovados via FAT giram em torno de R\$ 119,1 milhões.

No Paraná, a Volkswagen foi uma das empresas a aderir ao PPE – os acordos firmados com sindicatos de outras fábricas da montadora pelo país a colocam no topo da lista das empresas mais beneficiadas pelo programa.

### **Confira abaixo as companhias com maior participação no PPE:**

1. Volkswagen: 13.744 trabalhadores beneficiados, nas fábricas de Taubaté (SP), São José dos Pinhais (PR), São Carlos (SP) e São Bernardo do Campo (SP)
2. Mercedes-Benz: 8.964 beneficiados, em São Bernardo do Campo (SP)
3. Ford: 3.238 beneficiados em São Bernardo do Campo (SP)
4. Iochpe-Maxion: 3.544 beneficiados, em Cruzeiro (SP)
5. Caterpillar Brasil: 1.498 beneficiados, em Piracicaba (SP)
6. John Deere Brasil: 946 beneficiados, em Horizontina (RS)

## **Indústria do Paraná encolheu 9,6% em 2015**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A produção da indústria do Paraná recuou 16,1% em dezembro, na comparação com o mesmo mês de 2014. Com isso, o setor acumulou no ano passado uma retração de 9,6%. É a quinta maior queda entre os 15 locais pesquisados pelo IBGE.

Os dados de dezembro reforçam a impressão de que o setor ainda está longe de se estabilizar, como ritmo de queda se acelerando.

No país, a queda em dezembro foi de 11,9%, também maior do que o acumulado no ano, de 8,3%

Veja também

No Paraná, o setor com maior retração no ano passado foi o de fabricação de veículos (-32,8%), seguido da área de minerais não metálicos (-19,5), fabricação de móveis (-18,9) e de fabricação de máquinas, aparelhos e equipamentos elétricos (-12,5).

Somente um setor, ajudado pelo câmbio e pela maturação de investimentos conseguiu terminar 2015 com crescimento no estado, o de produção de papel e celulose, com alta de 6,7%.

### **País**

A produção da indústria encolheu em 12 dos 15 locais pesquisados pelo IBGE no ano passado. No maior parque industrial do país, São Paulo, a queda foi de 11,0% em relação a 2014.

As demais perdas foram registradas no Amazonas (-16,8%), Rio Grande do Sul (-11,8%), Ceará (-9,7%), Paraná (-9,6%), Santa Catarina (-7,9%), Minas Gerais (-7,9%), Bahia (-7,0%), Rio de Janeiro (-6,5%), Pernambuco (-3,5%), Região Nordeste (-3,0%) e Goiás (-2,5%).

Os únicos locais com avanço na produção no ano foram Pará (5,7%), Mato Grosso (4,7%) e Espírito Santo (4,4%).

### **Dezembro**

Em dezembro de 2015, em relação a novembro, a produção da indústria encolheu em nove estados. Os recuos mais intensos foram registrados em Pernambuco (-11,9%), Amazonas (-7,1%) e Santa Catarina (-5,4%).

São Paulo (-2,3%), Pará (-1,8%) e Espírito Santo (-1,7%) também caíram mais do que a média nacional (-0,7%) - mesma variação do Paraná (-0,7%). Goiás (-0,6%) e Região Nordeste (-0,4%) registraram quedas menores.

Na direção oposta, o Rio Grande do Sul (1,8%) mostrou o avanço mais elevado, após a expansão de 1,0% verificada no mês anterior. Os demais resultados positivos ocorreram na Bahia (1,4%), Rio de Janeiro (1,3%), Minas Gerais (1,1%) e Ceará (0,6%).

Na comparação entre dezembro de 2015 e o mesmo mês de 2014, a produção da indústria encolheu em 13 dos 15 locais que integram a PIM. Em São Paulo, a queda foi de 12,4%. Os recuos mais intensos foram no Amazonas (-30,0%), Espírito Santo (-19,1%) e Paraná (-16,1%).

O Ceará (-13,4%) também teve queda mais acentuada do que a média nacional (-11,9%). Apenas o Mato Grosso (18,7%) e o Pará (3,7%) mostraram avanços na produção.

## **Demissão de 453 na LG em Taubaté vai a julgamento no TRT**

05/02/2016 - Fonte: G1



A demissão de 453 trabalhadores da LG em Taubaté (SP) vai à julgamento no Tribunal Regional do Trabalho (TRT) na próxima quinta-feira (11) às 13h30. Os funcionários dispensados pela empresa em dezembro estão com as demissões suspensas pela Justiça. O sindicato quer a reintegração do efetivo.

Sem acordo entre a LG e o sindicato dos Metalúrgicos após três audiências de conciliação no tribunal, o futuro dos empregados será definido na Sessão de Dissídios Coletivos do TRT em Campinas (SP).

Nestas audiências, desde dezembro, a multinacional sinalizou a impossibilidade de reverter as demissões e atribuiu os cortes à crise econômica, que provocou e queda na demanda por produtos da empresa no mercado.

A empresa apresentou balanços econômicos à Justiça que comprovariam a situação financeira da planta - os documentos devem auxiliarr os desembargadores na decisão.

## **Impasse**

Os trabalhadores foram dispensados em dezembro e, no mesmo mês, o sindicato conseguiu suspender as demissões na Justiça. Por mais de um mês os funcionários ficaram sem receber, até que o TRT determinou na última semana o pagamento dos vencimentos de dezembro em janeiro.

Além disso, como parcela dos operários manifestaram a intenção de desligamento da empresa antes do julgamento do caso, por isso a Justiça estabeleceu prazo até às 18h desta quinta-feira (4) para que eles manifestem à LG o desejo.

## **LG**

A LG foi procurada nesta quinta-feira para comentar o assunto e, por meio da assessoria e imprensa, apenas confirmou a data e horário do julgamento. A unidade emprega cerca de 1,5 mil funcionários e produz televisores, monitores e celulares em Taubaté.

## **Gerdau faz acordo com JFE Steel para fabricar chapas grossas no Brasil**

05/02/2016 – Fonte: Portos e Navios

A Gerdau assinou um acordo com a japonesa JFE Steel Corporation para fabricar chapas grossas no Brasil, anunciou a siderúrgica gaúcha. A parceria vai ajudar a adiantar o início das operações do novo laminador localizado na usina de Ouro Branco, em Minas Gerais, para julho.

O equipamento, lembra a empresa, estava programado para começar a funcionar no fim deste ano. A capacidade instalada será de 1,1 milhão de toneladas de chapas grossas por ano, que se junta às 800 mil toneladas que o outro laminador, que iniciou atividades em 2013, pode produzir.

No total, a capacidade do grupo em aços planos será de 1,9 milhão de toneladas anuais. De acordo com o comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a parceria com a JFE permite acelerar o desenvolvimento das operações do novo laminador, reduzindo a curva de aprendizado. O contrato abrange tanto a laminação como a aciaria na usina, acrescenta o texto.

Com essa nova operação, a Gerdau tenta abocanhar um mercado que hoje é ocupado, em boa parte, por produtos importados.

Em 2015, a importação de chapa grossa atendeu por 23,4% do total de vendas no país — o volume de compras no exterior cresceu 36,6%, para 234,3 mil toneladas, segundo dados do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda).

“Escolhemos a JFE Steel Corporation por ser referência mundial em tecnologia na produção de chapas grossas, além de um dos principais fabricantes globais do produto”, comentou André Gerdau, presidente da siderúrgica, em nota.

O produto é utilizado na construção civil, em máquinas e equipamentos, além de servir para a indústria de petróleo e gás e para geradores de energia eólica.

O acordo com o grupo japonês faz parte da nova estratégia da siderúrgica gaúcha, de montar parcerias em áreas específicas para criar soluções de maior valor agregado aos clientes e, portanto, se diferenciar em meio à crise do setor no Brasil.

Na semana passada, a Gerdau já havia anunciado um empreendimento conjunto com a Sumitomo e a Japan Steel Works (JSW)



## **Editorial: Tragédia Industrial**

05/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

A indústria fechou o ano passado com queda de 8,3%, o pior resultado desde 2003. A retração, tanto mais grave, não constitui fato isolado; representa apenas o capítulo mais recente de uma longa história de problemas e erros que derrubaram a produção ao nível do começo deste século. É possível contar essa tragédia em três atos.

O primeiro, grosso modo, vai de 2003 a 2007, quando a manutenção de uma política econômica responsável em um contexto de forte crescimento mundial e custos internos baixos permitiu bom desempenho da indústria.

O setor avançou em média 4% ao ano, impulsionado pelo aumento da demanda doméstica e pela exportação de manufaturados.

O Brasil colhia então os frutos da estabilização econômica, com salários internos competitivos e valorização aceitável do real. Foi possível expandir inclusive a indústria mais sofisticada, como o segmento de máquinas e equipamentos.

O quadro começa a mudar a partir de 2008. Como reação à crise internacional, o governo Lula (PT) acelerou o gasto público, multiplicou o crédito dos bancos oficiais e passou a intervir cada vez mais nos vários campos industriais, no intuito de proteger mercado e forçar a nacionalização de componentes.

Verdade que a indústria se recuperou nos dois anos seguintes, acompanhando o restante do mundo. Mas o êxito momentâneo levou o governo a imaginar que havia descoberto um atalho para o desenvolvimento, por meio do dirigismo estatal e do fechamento da economia ao comércio internacional –nada mais equivocado.

O último ato tem início em 2011, quando a produção estagnou. A principal causa foi a política econômica, que suscitou aumento de salários e custos acima da produtividade, juros altos e valorização extrema do real, tudo para prejuízo da competitividade.

Vendo a indústria brasileira patinar, o governo da presidente Dilma Rousseff (PT) dobrou a aposta no intervencionismo –perdeu, e não faltaram alertas nesse sentido.

A derrocada foi tamanha que restou demonstrado de forma cabal o equívoco da estratégia adotada. Nisso, aliás, talvez resida o único aspecto positivo dessa história: não há como deixar de procurar uma correção de rumos.

Parece formar-se um consenso, inclusive nos meios empresariais, de que o caminho passa necessariamente pela abertura e pela integração às cadeias globais de produção, sem o que não haverá competitividade possível.

O câmbio já se ajustou; os salários começam a fazê-lo. É preciso trabalhar na agenda da produtividade e celebrar acordos comerciais que abram novos mercados.

## **Abre e fecha: confira horários de bancos, shoppings e serviços públicos em Curitiba no carnaval**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

O feriado prolongado do carnaval vai alterar o horário de funcionamento dos serviços públicos, bancos e shoppings de sábado (6) até a quarta-feira (10) na capital paranaense.

Os bancos e as agências dos Correios encerram o expediente nesta sexta-feira (9) e só reabrem na próxima quarta-feira (10) a partir do meio-dia.

No sábado (6) e domingo (7), os shoppings devem funcionar de acordo com o horário normal de fim de semana.

Na terça-feira de carnaval, as lojas de todos os shoppings estarão fechadas e a praça de alimentação de alguns estabelecimentos funcionará em horários diferenciados.

As repartições públicas municipais, inclusive as unidades de saúde, não terão expediente no dia 8 e 9 e o expediente será retomado na quarta-feira de cinzas (10) às 14 horas. As nove Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) vão funcionar normalmente durante o feriado.

Durante todo o feriado de carnaval (de sábado até as 14 horas de quarta-feira), a Polícia Civil fará plantão 24 horas nos Centros Integrado de Atendimento ao Cidadão (Ciacs) do Centro (Rua Andre de Barros, 671, Centro) e Sul (Av. Presidente Wenceslau Braz, 3968, Portão). As delegacias da região metropolitana funcionam em esquema de plantão.

No fim de semana, o transporte coletivo irá operar com tabela normal para o sábado e domingo. Na segunda e terça-feira de feriado, essa situação se repete com a escala de sábado aplicada na segunda-feira (8) e a escala de domingo aplicada na terça-feira (9).

Na quarta-feira (10), o horário volta ao normal (dias úteis) com reforço na frota no período do almoço.

### **Manifestantes invadem estações-tubo no Centro de Curitiba e liberam catracas**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Um grupo de aproximadamente 70 pessoas, formado por integrantes do Movimento de Acompanhamento ao Transporte Público (Matu), da Frente de Luta pelo Transporte e do movimento R\$ 3,70 Nem Tenta invadiu estações-tubo no Centro de Curitiba na noite desta quinta-feira (4) e liberaram algumas catracas para que os passageiros embarcassem nos ônibus sem pagar a passagem. Esse foi mais um ato contra o aumento da tarifa na capital paranaense

A reunião para o protesto ocorreu no pátio da Reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por volta das 18h30. Cerca de meia hora depois, o grupo se dirigiu à estação Marechal, na esquina da Mariano Torres com a Marechal Deodoro.

Os manifestantes conversaram com o cobrador, mas não conseguiram fazer com que o trabalhador liberasse a entrada dos usuários sem o pagamento dos R\$ 3,70. Tentaram também a catraca utilizada para o desembarque dos passageiros dos ônibus (do outro lado do tubo), mas não tiveram sucesso.



Às 19h15, as pessoas que participavam do ato chegaram à Estação Central, na Presidente Faria, perto do Calçadão da XV. Algumas delas pularam as roletas, enquanto outras tentavam, mais uma vez sem sucesso, que os cobradores liberassem a entrada de todos – manifestantes e usuários.

Mesmo sem autorização dos funcionários, o grupo forçou a abertura da “porta” ao lado da catraca no tubo do sentido Capão Raso-Santa Cândida. Alguns passageiros aproveitaram para entrar sem pagar a tarifa, mas outros se recusaram e passaram o cartão-transporte.

Uma cobradora que não quis se identificar afirmou concordar com a catraca livre. Para ela, é um absurdo o que as empresas de ônibus fazem com usuários e trabalhadores, referindo-se aos constantes atrasos no pagamento dos salários.

Após 10 minutos, o protesto seguiu para a estação Carlos Gomes, na praça de mesmo nome, onde param as linhas Boqueirão e Ligeirão Boqueirão. O acesso ao local também foi “liberado” pelos manifestantes, por volta das 19h30.

A adesão dos usuários ao “fura catraca” foi grande. Para a depiladora Odete Moreira, o ato foi “corretíssimo”. A agente de suporte técnico Camila Barbosa também concordou com a ação, mas disse temer que os cobradores sofressem alguma represália por conta da liberação das catracas.

A ação durou até as 19h50, quando o grupo foi para o tubo Praça Eufrásio Correia, na Avenida Sete de Setembro. O mesmo *modus operandi* foi adotado nos dois sentidos – Santa Cândida-Capão Raso e Capão Raso-Santa Cândida. Lá, permaneceram aproximadamente 30 minutos.

Com os manifestantes em menor número, o protesto terminou no Terminal Guadalupe, por volta das 20h40, onde foram distribuídos panfletos a quem passava pelo local e liberaram, por alguns instantes, a catraca da estação tubo Boqueirão/Centro Cívico.

Apesar da liberação da entrada sem o pagamento da tarifa não foram registradas cenas de violência ou vandalismo. Parte da manifestação foi acompanhada por três equipes da Guarda Municipal em suas motos.

Segundo Edson Teixeira, que integra a Frente de Luta pelo Transporte, os protestos não vão parar até que o prefeito Gustavo Fruet se mostre aberto ao diálogo. Para Teixeira, ações como a de hoje são importantes para mobilizar os cidadãos em relação às discussões sobre o transporte público. “A sociedade está revoltada, mas dispersa”, afirmou.

## **Inflação fará de 2016 mais um ano ruim para a poupança**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Depois de a poupança fechar 2015 com rendimento abaixo da inflação, as projeções de especialistas para 2016 não são nada positivas para a caderneta, tornando mais atraentes outras aplicações, principalmente as de renda fixa.

Para o professor de economia na Escola de Negócios da PUCPR, Carlos Magno Bittencourt, o baixo rendimento da poupança faz com que ela seja um investimento pouco interessante. Com ganhos anuais de 6% acrescidos da chamada taxa referencial, a expectativa é que a caderneta tenha um desempenho semelhante ao visto no ano passado, ou seja, algo entre 7% e 8%.

No entanto, a previsão do mercado é de uma inflação de 7,26% para 2016 e com tendências para subir mais, o que pode fazer com que esse rendimento não se converta em aumento no poder de compra. "Na melhor das hipóteses, a pessoa pode sair no zero a zero, ou seja, sem qualquer ganho real", explica Bittencourt.

Isso ajuda a explicar por que, em 2015, a poupança teve a maior retirada de recursos de sua história, com R\$ 53,65 bilhões em saques, segundo o Banco Central. Para o coordenador do curso de Gestão Financeira da Faculdade Opet, Jefferson Fischer, esse é um fenômeno que vai além de um aumento nos gastos. "Na verdade, parte dessa retirada está sendo usada para investir em outros títulos muito mais rentáveis", aponta.

### ***Juros valorizam renda fixa***

Mais uma vez, os títulos de renda fixa se destacam como as melhores apostas para 2016, principalmente após a decisão do Copom de manter a taxa básica de juros em 14,25%.

"Para quem tem um perfil mais conservador, aplicações como CDB, LCA e LCI são ótimas opções por estarem atreladas ao CDI", sugere Fischer. E, como os Certificados de Depósito Interbancário são calculados a partir da taxa Selic, esses títulos se tornam ainda mais atraentes. Somente em janeiro, o CDB teve uma rentabilidade de 1,05%.

Os juros também tornam interessantes os títulos do Tesouro Direto, com ênfase no Tesouro Selic.

Como ele acompanha a variação da taxa homônima, seus rendimentos são bem mais expressivos. Papéis atrelados ao IPCA também são recomendados por compensar a perda com a inflação.

O único cuidado no Tesouro Direto fica com os títulos prefixados. Como eles envolvem apenas taxas definidas em contrato, nenhuma das vantagens citadas se aplica sobre o investimento. Como a tendência é que a inflação aumente um pouco mais nos próximos meses, o investidor pode deixar de se aproveitar disso.

### ***Saques em janeiro superam depósitos em R\$ 12 bilhões***

A quantidade de recursos que os investidores retiraram da poupança em janeiro, já descontadas as aplicações, foi a maior para qualquer mês da série histórica do Banco Central iniciada em 1995. De acordo com a instituição, os saques superaram os depósitos em R\$ 12,031 bilhões.

Para meses de janeiro, a pior marca havia sido registrada no ano passado, quando as retiradas ficaram R\$ 5,528 bilhões maiores do que os investimentos. Já o saldo negativo mais forte de todos os tempos até então fora registrado em março de 2015, de R\$ 11,438 bilhões.

O resultado de janeiro passado só não foi pior porque no último dia ingressaram R\$ 3,417 bilhões na poupança. Até o dia 28, a conta estava negativa em R\$ 15,449 bilhões.

Isso ocorre com o sazonal aumento dos depósitos na caderneta no último dia útil por causa de aplicações automáticas da conta corrente que alguns investidores já deixam programadas para ocorrer.

A acentuada deterioração da caderneta se dá depois de uma recuperação em dezembro do ano passado, com a injeção de recursos do pagamento do 13º salário.

O saldo positivo de R\$ 4,789 bilhões no último mês de 2015 interrompeu uma série de 11 meses de resultados negativos. Janeiro é um mês marcado pela concentração de pagamento de impostos e de gastos extras com matrícula e material escolar.

### **Produção de veículos em janeiro tem queda que remete a 2003**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, afirmou nesta quinta-feira (4) que o ritmo de produção de veículos em janeiro deste ano foi semelhante ao patamar registrado em janeiro de 2003. “Estamos regredindo 13 anos”, lamentou o executivo. Em janeiro foram produzidos 145.064 unidades, recuo de 29,3% em relação ao mesmo período de 2015.

Diante do menor ritmo de produção, o estoque total de veículos nos pátios das concessionárias e das montadoras caiu de 271,1 mil unidades em dezembro do ano passado para 254,3 mil em janeiro deste ano.

Com a queda, o estoque era, em janeiro, suficiente para 49 dias de vendas, ante 52 dias em dezembro (considerando o ritmo de vendas de janeiro).

O número, contudo, permanece acima do patamar considerado ideal pelo setor, com estoques equivalentes a 30 dias de vendas.

#### **Lay-off**

Outro efeito provocado pela redução no ritmo de produção das fábricas é a manutenção de empregados em condição de lay-off. Segundo Moan, as montadoras contam hoje com 6,3 mil empregados em lay-off, enquanto outros 35,6 mil estão cadastrados no Programa de Proteção ao Emprego (PPE), do governo federal.

Na soma, são 41,9 mil trabalhadores incluídos em algum tipo de mecanismo para evitar demissões. O número representa um quarto do total dos 129.397 trabalhadores empregados na indústria automotiva brasileira.

### **Brasil e Uruguai assinam termo para facilitar comércio entre os dois países**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

A Receita Federal assinou, na semana passada, um plano de trabalho para facilitar o comércio exterior entre Brasil e Uruguai. De acordo com o órgão, o plano de trabalho é o primeiro passo para a assinatura do Acordo de Reconhecimento Mútuo (ARM) dos Programas de Operador Econômico Autorizado (OEA) entre os dois países.

A Receita informou ainda que a intenção dos dois países ao assinarem o termo é facilitar e incrementar a relação comercial existente entre Brasil e Uruguai. Para o Brasil, o objetivo é atrair novos investimentos à economia, aumentar a segurança das operações de comércio exterior e aprimorar os controles aduaneiros por meio da gestão de risco.

O Fisco esclareceu ainda que os ARM são acordos bilaterais celebrados entre países que possuam Programas de OEA compatíveis, e que reconheçam como de baixo risco os operadores certificados no outro país. São necessários critérios de segurança física da carga e cumprimento da legislação tributária e aduaneira exigidos para a certificação e os procedimentos adotados para a validação e monitoramento destes operadores sejam similares.

### ***Driblando a burocracia***

Para o diretor nacional de Aduanas da República Oriental do Uruguai, Enrique Canon, os Acordos de Reconhecimento Mútuo são vantajosos para as aduanas dos dois países porque diminuem o retrabalho dos fiscos e simplificam as operações internacionais, proporcionando agilidade aos operadores de baixo risco.

Na avaliação do subsecretário substituto de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal, José Carlos de Araújo, os Programas da OEA são fundamentais para incrementar a gestão de risco nas operações aduaneiras e a adoção de padrões internacionais de segurança.

O Brasil já tem acordos de facilitação de comércio com a Argentina e, no ano passado, o secretário da Receita, Jorge Rachid, e o encarregado de negócios da embaixada norte-americana, Andrew N. Bowen, também assinaram um Plano de Trabalho Conjunto para iniciar o processo em busca de um ARM entre o Programa Brasileiro de OEA e o Programa C-TPAT dos EUA, país que é o segundo maior destino das exportações brasileiras.

## **ENTREVISTA: Brasil pode criar a Indústria 4.0 verde e amarela**

05/02/2016 – Fonte: Agência CNI


Diretor regional do SENAI de Santa Catarina e professor do ITA, Jefferson Gomes alerta que país ainda precisa enfrentar velhos obstáculos, como a melhoria da infraestrutura e da formação de profissionais de engenharia, para entrar na era da manufatura avançada.

“

Nos países onde a manufatura avançada já vem se desenvolvendo, o que acontece é o que chamam de sala invertida. Você estuda teoria em casa e vai para as salas de aprendizagem para desenvolver prática com pessoas de áreas diferentes e, muitas vezes, mudando de papéis. Consequentemente, essas pessoas terminam projetos de formação entregando protótipos de alguma coisa

Jefferson Gomes  
Diretor regional do SENAI/SC e professor do ITA

”



O que é a indústria 4.0 para você? Esqueça todas as ideias pré-concebidas relacionadas a algo cibernético e muito distante da realidade atual. O termo que vem sendo adotado em alguns lugares do mundo trata da nova revolução industrial.

Essa fase promete uma produção mais inteligente, em que todos os processos de decisão das fábricas serão tomados pelas próprias máquinas, com base em informações fornecidas de dentro do sistema de manufatura em tempo real.

Ao menos para o Brasil, os desafios que estão por trás desse cenário em que equipamentos controlam outros equipamentos são velhos conhecidos. Um dos principais especialistas brasileiros no tema é o diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de Santa Catarina, Jefferson Gomes.

Professor do Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA) com pós-doutorado na área de manufatura, Gomes concedeu entrevista à Agência CNI de Notícias, em que comenta como o país aparece no jogo mundial neste momento. Ele aponta como será possível à indústria nacional dar uma cara verde e amarela para a manufatura avançada, termo que ele mesmo prefere usar em lugar de indústria 4.0.

Os desafios para que isso aconteça ainda são muitos e semelhantes aos que dificultam os ganhos de produtividade das empresas brasileiras. "Nós não vamos ter uma indústria avançada se continuarmos formando pessoas como fazemos hoje.

Para definir como as máquinas de uma empresa vão funcionar a partir de informações que vêm lá da China, por exemplo, é preciso gente que consiga congrega vários tipos de conhecimentos. Não é esse tipo de profissional que temos formado no Brasil", diz Gomes. Confira a entrevista:

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - De onde surgiu o conceito indústria 4.0?**

**JEFFERSON GOMES** - A alcunha indústria 4.0 é germânica. Os alemães usam o termo em função das três revoluções industriais já existentes. Essa atual, a quarta, é a fase em que as máquinas, baseadas em sistemas ciber-físicos, começam a tomar decisões de quando ligar, desligar ou de quando acelerar ou reduzir a produção no ambiente da manufatura. Enquanto o alemão chama isso de indústria 4.0, os americanos e os chineses chamam de manufatura avançada.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - O que ela traz de novo para a realidade das empresas?**

**JEFFERSON GOMES** - É mais fácil entender se pegarmos casos específicos. A capacidade de processamento de um celular atual é milhões de vezes maior que a do computador que levou a nave para a lua. Lembre-se que usamos apenas 10% da capacidade de processamento desses aparelhos. Agora, coloque esses mesmos tipos de processadores num ambiente industrial.

Da mesma forma, as máquinas atuais já têm muito mais capacidade do que está sendo, de fato, utilizado. Hoje a gente já poderia, como os mesmos equipamentos que temos, alcançar racionalização dos processos.

Muitas empresas, no Brasil, já estão deixando a produção mais inteligente, fazendo com que esse processo de decisão seja acionado ou não. Recentemente, uma indústria com sede no Brasil fez um projeto de racionalização do uso dos equipamentos e reduziu o consumo de energia elétrica em 26%. Isso inclusive rendeu a ela um prêmio mundial.

É uma prova de que, com os recursos já existentes, nós conseguimos deixar um sistema mais racional, seja gastando energia corretamente ou gerando menor quantidade de resíduos. Agora, a tomada de decisão pelas próprias máquinas vai demorar mais um pouco.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Como você mesmo disse, a operação das máquinas nesse patamar ainda parece estar longe do que acontece atualmente na indústria brasileira, certo?**

**JEFFERSON GOMES** - Para fazer esse tipo de análise, as empresas precisam ser avaliadas em alguns quesitos, entre os quais inovação e a rede de instituições com as quais pode criar novos produtos. O Brasil tem grandes oportunidades para desenvolver as cadeias de valor em certos segmentos.

No setor automotivo, até o quinto fornecedor da cadeia de suprimentos, em geral, são empresas multinacionais, o que dificulta o desenvolvimento de conteúdo nacional. Há

setores em que isso é diferente. O Brasil é forte produtor da indústria de alimentos, cuja cadeia é extremamente complexa. Em Santa Catarina, por exemplo, esse segmento precisa importar milho.

São cinco mil carretas de milho trafegando nas estradas do estado por dia. Isso cria uma cadeia logística, com uma sequência de fornecedores, inclusive pequenas estâncias. Essa realidade gera, portanto, uma necessidade logística e de comunicação que precisa ainda ser muito desenvolvida.

É uma indústria fortemente intensiva em mão de obra. Portanto, pode ser desenvolvida também na área de equipamentos. No *agrobusiness*, há muito o que desenvolver. O controle de plantações com um grande número de drones, por exemplo, pode trazer uma série de vantagens.

Há, sim, possibilidades em alguns setores e suas cadeias de valor para que a indústria avançada também tenha uma cara verde e amarela de desenvolvimento e não apenas uma cara europeia ou oriental.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Quais são os desafios para o Brasil entrar nesse patamar?**

**JEFFERSON GOMES** - Para isso acontecer, temos alguns obstáculos. Hoje, nossos grandes entraves são de infraestrutura e política de inovação. As análises da eficiência da inovação têm alguns pilares, como infraestrutura básica, ambiente macroeconômico, qualidade de educação e de saúde dos trabalhadores, grau de formação e treinamento para os trabalhadores, eficiência do mercado, desenvolvimento do mercado financeiro para que se viabilizem os negócios.

No Brasil, numa escala de zero a sete dos relatórios de competitividade global, beiramos algo por volta de 3,5 ou 4. O tamanho do mercado é enorme, é algo positivo, mas em todos os outros quesitos, o Brasil precisa caminhar.

Outro ponto importante é que, definitivamente, o Brasil não vai entrar nessa era tendo apenas 5% dos egressos no ensino superior formados em engenharia. Engenheiro aqui é um indivíduo com alta capacidade de conhecimento sobre um determinado assunto e alta capacidade de congregar conhecimentos com outros parceiros de trabalho. O ambiente da indústria avançada é altamente complexo.

Há muitas variáveis atuando ao mesmo tempo: mercado, demanda, competidores. Na prática, o jeito que nós estamos formando pessoas para o mercado não está rendendo sucesso para produtividade das empresas nem mesmo agora. Talvez a gente não esteja olhando muito bem a qualidade da entrega desses novos profissionais – engenheiros e técnicos. Essa qualidade passa necessariamente pelo jeito como se forma.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Como deve caminhar essa formação então?**

**JEFFERSON GOMES** - A gente está falando que uma fábrica sozinha decide se vai gastar energia agora ou não em função da produção que está acontecendo lá na China. Há um conjunto de informações.

Não vai adiantar você conhecer só um pedacinho de um assunto. Vai precisar congregiar com muita gente. Para você entender isso, precisa saber como tudo se conecta.

Na nossa formação, é tudo muito separado. Esse modelo de uma pessoa falando e várias escutando não vai contribuir para termos uma indústria avançada no futuro. Nos países onde a manufatura avançada já vem se desenvolvendo, o que acontece é o que chamam de sala invertida.



Você estuda teoria em casa e vai para as salas de aprendizagem para desenvolver prática com pessoas de áreas diferentes e, muitas vezes, mudando de papéis. Conseqüentemente, essas pessoas terminam projetos de formação entregando protótipos de alguma coisa.

No nosso formato de educação, a gente entende que bom é aquele aluno que aprende sozinho, tirou sua nota sozinho. Nós estamos falando de um sistema de TI que conversa com a parte mecânica, e que os supervisores dessas duas áreas vão decidir se, como e quando tudo vai funcionar.

Tem de ter muita gente conhecendo vários assuntos e congregando esse conhecimento. Portanto, a manufatura avançada passa necessariamente pelo nosso processo de formação.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Já existe algum setor no Brasil que está mais adiantado na indústria 4.0?**

**JEFFERSON GOMES** - O automotivo vai ser necessariamente o mais adiantado, inclusive ele pode transbordar a formação de trabalhadores mais adequada para os outros setores.

O tipo de gente que vai trabalhar nessas empresas em um futuro muito próximo é bastante distinto de quem se formou há 20 anos. Precisa desenvolver uma capacidade de conhecimento constante.

Uma saída é aprender com a indústria automotiva - que é a de maior eficiência tecnológica e que consegue ser moderna e regrada ao mesmo tempo -. Eles sabem exatamente que vai entrar uma peça e sair outra.

Como há muita gente trabalhando no setor automotivo, temos a chance de transbordar isso para outros setores, como o óleo e gás, o subsea (plataformas subaquáticas), aeronáutica.

A cadeia aeronáutica, por exemplo, tem um forte conteúdo nacional. Nosso programa aéreo nos permite desenvolver tecnologia para o próprio setor e seus adjacentes. Conseqüentemente, é uma baita oportunidade para aplicar conceitos de manufatura avançada.

### **AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Que tipos de novidades isso deve trazer como impacto para os consumidores?**

**JEFFERSON GOMES** - O ponto é justamente esse. Se não houver exatamente o conhecimento do que o consumidor quer, não adianta ter a indústria mais avançada do mundo.

Uma empresa vai partir para uma manufatura avançada se ela compreender o mercado que pretende alcançar. Recentemente, uma indústria de tênis norte-americana montou uma fábrica nos Estados Unidos.

Essa indústria produzia tudo na China. Só que essa nova fábrica quase não tem gente. Você chega lá e quase prototipa seu próprio tênis: escolhe o tecido, a sola, a cor, o tamanho do cadarço. Tudo isso virtualmente.

É lançado o pedido de produção e o tênis, tudo do jeito que você escolheu.

O que está sendo vendido aí é a ideia de que o tênis está vindo para você. Isso está acontecendo com os táxis, a entrega de comida. Você os chama pelo telefone ou por um aplicativo e eles vêm até você.

A tendência é que os produtos fiquem mais personalizados. Ao mesmo tempo, a gente vai ver mudanças no trabalho, com grandes indústrias mundiais cada vez mais automatizadas e supervisórias (empregados na supervisão e máquinas na produção).

Por outro lado, você vai ter uma produção quase que artesanal e com alta capacidade tecnológica.

## **Lucro despenca e ArcelorMittal lança oferta de ações de US\$ 3 bilhões**

05/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



A ArcelorMittal, maior siderúrgica do mundo, lançou planos nesta sexta-feira (5) de levantar US\$ 3 bilhões com uma emissão de ações para reduzir dívida, enquanto continua a sofrer com o excesso de capacidade da indústria chinesa, o que afirma ter pressionado para baixo os preços globais.

A companhia, que tem duas vezes o tamanho de sua rival mais próxima, divulgou nesta sexta-feira que seu Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) recuou 32% no ano passado, para US\$ 5,2 bilhões, e alertou que o resultado neste ano será "mais de" US\$ 4,5 bilhões, uma vez que vê pouca melhora na demanda global por aço neste ano.

O presidente-executivo, Lakshmi Mittal, disse que 2015 foi um ano muito difícil para as indústrias de aço e mineração mesmo com a demanda maior na Europa e nos Estados Unidos, onde a companhia faz o grosso de seus negócios, devido aos preços reduzidos das exportações chinesas.

Além do aumento de capital, a empresa disse que está vendendo por € 875 milhões sua fatia de 35% na especialista em peças automotivas de aço espanhola Gestamp Automacion para os acionistas majoritários, a família Riberas, encerrando uma joint-venture formada em 1998.

A ArcelorMittal, maior siderúrgica do mundo, lançou planos nesta sexta-feira (5) de levantar US\$ 3 bilhões com uma emissão de ações para reduzir dívida, enquanto continua a sofrer com o excesso de capacidade da indústria chinesa, o que afirma ter pressionado para baixo os preços globais.

A companhia, que tem duas vezes o tamanho de sua rival mais próxima, divulgou nesta sexta-feira que seu Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) recuou 32% no ano passado, para US\$ 5,2 bilhões, e alertou que o resultado neste ano será "mais de" US\$ 4,5 bilhões, uma vez que vê pouca melhora na demanda global por aço neste ano.

O presidente-executivo, Lakshmi Mittal, disse que 2015 foi um ano muito difícil para as indústrias de aço e mineração mesmo com a demanda maior na Europa e nos Estados Unidos, onde a companhia faz o grosso de seus negócios, devido aos preços reduzidos das exportações chinesas.

Além do aumento de capital, a empresa disse que está vendendo por € 875 milhões sua fatia de 35% na especialista em peças automotivas de aço espanhola Gestamp Automacion para os acionistas majoritários, a família Riberas, encerrando uma joint-venture formada em 1998.

## **Produção de veículos cai 29,3% em janeiro e Anfavea reclama de impostos**

05/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



Ao apresentar dados como a queda de 29,3% na produção de veículos leves e pesados na comparação entre os meses de janeiro de 2016 e de 2015, a Anfavea (associação nacional das fabricantes de automóveis) aproveitou para reclamar dos impostos que incidem sobre o setor.

"Brasileiro paga dois e leva um", disse Luiz Moan, presidente da entidade. A associação fez comparações de preços e tributos pagos pelos carros no Brasil (cerca de 43%) e em outros países, além de mostrar valores de carros em dólar, com base na cotação média de dezembro.

Por essa conta, os carros vendidos no Brasil estariam entre os mais baratos do mundo. Um Fiat Palio Fire, por exemplo, que custa cerca de R\$ 29 mil, seria vendido pelo equivalente a US\$ 7.400. Contudo, o cálculo não considera a perda dos salários quando convertidos para a moeda americana.

Apesar da queixa, a entidade não irá apresentar proposta de ajuste tributário ao governo, por considerar que esse não é um momento "politicamente correto" para isso. Os dados serviram para exemplificar o tamanho da crise no setor.

A queda de 29,3% na produção de carros de passeio, comerciais leves, ônibus é o pior resultado para janeiro desde 2003.

A retração no setor, com perda de rentabilidade devido também à alta do dólar, influi diretamente nas demissões. O número de empregados nas fabricantes filiadas à Anfavea caiu 10,2% em janeiro de 2016 em relação ao mesmo mês de 2015.

Atualmente, há 42 mil trabalhadores afastados temporariamente das linhas de montagem, seja pelo PPE (Programa de Proteção do Emprego), férias coletivas ou lay-off (suspensão temporária do contrato de trabalho).

As vendas de carros leves e de veículos pesados tiveram queda de 38,8% entre os meses de janeiro de 2016 e de 2015.

O presidente da Anfavea disse que as empresas continuam reduzindo a produção, para se ajustar à demanda. Fabricantes como Ford, GM, Fiat e VW aproveitarão o feriado de Carnaval para prorrogar períodos de férias coletivas e de interrupções pontuais nas linhas de montagem.

Os estoques tiveram queda entre dezembro e janeiro, mas continuam elevados. Há unidades suficientes para cobrir 49 dias de vendas, ante 52 do cálculo anterior.

### **EXPORTAÇÕES**

As exportações cresceram 37,1% em volume sobre janeiro de 2015, mas com queda de 18,3% nos valores. A diferença se deve ao mix de produtos exportados, formado predominantemente por carros de passeio, que têm valor menor que caminhões e maquinários agrícolas, por exemplo.

## **Duke Energy diz que poderá vender parcial ou totalmente usinas no Brasil**

05/02/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

A empresa americana Duke Energy Corp poderá vender todo o seu negócio no Brasil ou parte dele, segundo comunicado divulgado nesta quinta-feira (4) pela subsidiária brasileira da companhia, Duke Energy Brasil.

A empresa, que controla hidrelétricas em São Paulo em um total de 2,2 gigawatts em potência, disse que seu acionista controlador "pretende dar início a um processo que pode ao final resultar na venda da totalidade ou de uma parte das ações".

"A preparação desse processo pela Duke encontra-se em fase preliminar e nenhuma oferta vinculante ou não vinculante foi submetida ou solicitada", explicou a companhia. A Duke Energy Corp admitiu, em comunicado separado nesta quinta-feira, que buscará vender total ou parcialmente sua unidade internacional, que inclui ativos no Brasil, Argentina e Chile.

Os negócios nesses países representaram cerca de 12% da receita da companhia no trimestre encerrado em 30 de setembro.

O movimento vem na sequência da aquisição pela empresa da distribuidora de gás Piedmont Natural Gas Co, por US\$ 4,9 bilhões, e faz parte de uma tentativa da companhia de reduzir a exposição a mercados não-regulados nos Estados Unidos e no exterior.

## **Se empresas atrasarem os salários, grande Curitiba amanhecerá sem ônibus neste sábado**

05/02/2016 – Fonte: Paraná Online

O Sindicato dos motoristas e cobradores de ônibus de Curitiba e Região Metropolitana de Curitiba (Sindimoc) afirmou que a Curitiba e Região podem amanhecer sem ônibus neste sábado (06).

Por meio de sua assessoria, o sindicato informou que a decisão foi tomada em assembleia pelos motoristas e cobradores, na última segunda-feira.

De acordo com o Sindimoc, os trabalhadores vêm sofrendo atrasos salariais desde 2012.

### **Definições**

Ainda não há definição se a possível greve será total, em todo o sistema, ou parcial, apenas nas empresas que atrasarem salários. Essa decisão será tomada em assembleia com os trabalhadores, na madrugada de sábado.

## **Encomendas à indústria alemã caem 0,7% em dezembro ante novembro**

05/02/2016 – Fonte: Paraná Online

As encomendas à indústria da Alemanha caíram 0,7% em dezembro ante novembro, no cálculo ajustado, segundo dados divulgados hoje pelo Ministério de Economia do país. Analistas consultados pelo Wall Street Journal previam queda menor, de 0,2%.

O resultado foi comprometido pelas encomendas domésticas, que recuaram 2,5% em dezembro ante o mês anterior. As encomendas estrangeiras, por outro lado, avançaram 0,6%.

Na comparação anual, as encomendas à indústria alemã registraram baixa de 1,0% em dezembro, desconsiderando-se ajustes.

## **China quer reduzir capacidade de produção de aço em até 150 milhões de toneladas**

05/02/2016 – Fonte: Paraná Online

O Conselho Estatal da China, ou gabinete, anunciou que planeja cortar a capacidade de produção de aço bruto do país entre 100 milhões e 150 milhões de toneladas nos próximos cinco anos. Com a medida, Pequim tenta ajudar sua indústria de aço e ferro, que enfrenta o problema de excesso de capacidade.

Segundo diretrizes divulgadas no site federal, governos locais devem interromper a produção de siderúrgicas defasadas e ajudá-las a aperfeiçoar sua tecnologia. O gabinete também determinou que o fim das chamadas empresas "zumbi" seja acelerado, por meio de fusões e aquisições, reestruturações de dívida e liquidações.

O governo central prometeu ampliar o apoio fiscal e financeiro a siderúrgicas que tenham de cortar funcionários. As diretrizes também encorajam a aposentadoria antecipada. Trabalhadores com planos de se aposentar nos próximos cinco anos poderão fazê-lo antecipadamente.

Neste caso, as empresas continuarão pagando salários e contribuindo com pensões e planos de saúde. No entanto, os que se afastarem antecipadamente não poderão receber pensões até atingirem a idade estipulada para a aposentadoria.

No início da semana, o vice-secretário-geral da Associação de Ferro e Aço da China, Chi Jingdong, estimou que a indústria siderúrgica deverá cortar cerca de 500 mil trabalhadores, segundo o semanário chinês The Economic Observer. No ano passado, o lucro líquido das siderúrgicas chinesas sofreu queda de 68% ante 2014, segundo dados oficiais.

## **FCA Fiat Chrysler reestrutura área comercial no Brasil**

05/02/2016 – Fonte: Automotive Business

A FCA Fiat Chrysler Automobiles decidiu consolidar a área comercial do grupo e unificar sua diretoria no Brasil, que passa a responder pelas operações de vendas de todas as suas marcas no País: Fiat, Jeep, Chrysler, Dodge e Ram. Para assumir a direção, o presidente da FCA para América Latina, Stefan Ketter, nomeou Sérgio Ferreira, atualmente diretor geral da Chrysler/Jeep para a América Latina.

Segundo a empresa, as redes de concessionárias manterão suas identidades e independência e continuarão a operar de forma separada por marcas. Ketter afirma em comunicado que a mudança é parte do projeto de consolidação da empresa no Brasil e na região da América Latina, em linha com as novas práticas globais.

O objetivo também, segundo ele, é valorizar ainda mais as marcas que compõem seu portfólio. "Estamos focados na construção de uma estrutura ainda mais dinâmica, integrada e moderna, baseada na competência de vendas", afirma Ketter.

"As marcas serão reforçadas com lideranças focadas, que trabalharão em conjunto com a área comercial, para criar maior valor."

Com a mudança, Sérgio Ferreira, além de liderar esta nova estrutura comercial,

continuará a ser o responsável pela marca Jeep na América Latina, com a prioridade de expansão e consolidação da marca no continente.

Já o marca Fiat passa a ser coordenada pelo atual diretor de produto da FCA América Latina, Carlos Eugênio Dutra, cuja missão será a de fortalecer ainda mais a marca, que é líder no mercado brasileiro, e assegurar uma maior difusão em toda a região.

Ele substituirá Lélío Ramos, que deixa o cargo de diretor comercial da Fiat, mas que segundo a empresa, continua no grupo como responsável por novos projetos estratégicos na área comercial.

Toda a estrutura comercial, incluindo os oito escritórios regionais, passará a atender a todas as marcas do grupo.

### **Exportações crescem 37% em janeiro**

05/02/2016 – Fonte: Automotive Business



Ao contrário das vendas ao mercado interno, as exportações de veículos começam 2016 muito bem, com crescimento de 37,1% em janeiro na comparação com idêntico mês do ano passado.

Foram 22,3 mil unidades embarcadas contra as 16,3 mil de um ano antes, conforme os dados do desempenho do setor divulgados pela Anfavea, associação das montadoras, na quinta-feira, 4. Já sobre dezembro de 2015, as exportações de janeiro foram 51,7% menores.

O resultado foi puxado pelo aumento de 42,7% dos embarques de veículos leves, que inclui automóveis e comerciais leves, com 21,1 mil enviadas. O segmento de caminhões foi o único a registrar queda nas exportações do mês passado.

Foram 842 unidades embarcadas em janeiro, 28% menos do que em igual mês de 2015, quando o setor vendeu 1,16 mil caminhões a mercados externos. As exportações de chassis de ônibus subiram 13% no período, para 322 unidades.

Em valores, as exportações de veículos no primeiro mês representaram US\$ 547,6 milhões, resultado que ficou 18,3% abaixo do apurado em janeiro de 2015, de US\$ 670 milhões, montante que considera máquinas agrícolas.

“Este resultado se deve ao mix de produtos, estamos exportando menos veículos de maior valor agregado, mas também pela retração das exportações de caminhões que influenciou bastante, e da queda de 40% dos embarques de máquinas”, explica o presidente da entidade, Luiz Moan.

O executivo explica que a Anfavea continua a priorizar suas ações dedicadas às exportações e que trabalha em sintonia com o governo para a abertura de novos mercados. Moan revela que espera já para este primeiro semestre a definição de um novo acordo com a Argentina.



“Com os fundamentos econômicos mais transparentes, ousamos propor para a Adefa [associação das montadoras na Argentina] o livre comércio, com base no câmbio flutuante nos dois países”, afirma Moan.

“Ainda este mês a Anfavea se reunirá com a Adefa para fechar um acordo conjunto e apresentar aos governos brasileiro e argentino”, acrescentou.

## **Anfavea insiste em culpar só imposto por preço alto no Brasil**

05/02/2016 – Fonte: Automotive Business



A Anfavea, associação dos fabricantes de veículos, enfim apresentou o estudo do preço do carro vendido no Brasil, prometido desde que Luiz Moan tomou posse como presidente da entidade, em 2013.

Os dados reunidos, no entanto, tratam mais da carga tributária do que efetivamente do quanto um consumidor precisa desembolsar para comprar um automóvel. “O brasileiro paga dois carros e leva um”, simplifica o dirigente.

Segundo destaca Moan, um automóvel com motor entre 1.0 e 2.0 tem carga tributária de 54,8% no País, considerando o total de impostos aplicados sobre o preço de custo do veículo e os tributos embutidos na cadeia produtiva e não-recuperáveis.

Com isso, o Brasil tem encargos mais pesados do que países como a Rússia, onde os impostos chegam a 22%, e os Estados Unidos, onde o percentual é de 7,5%. Para carros com motorização até 1.0 a carga é de 48,2%. Segundo a Anfavea, isso quer dizer que vão para os cofres públicos 27,1% do preço de venda de um veículo da categoria.

Traduzindo em moeda, Moan aponta o exemplo do Fiat Palio Fire, automóvel mais barato à venda no Brasil, com preço de tabela de R\$ 28,3 mil para a versão duas portas 1.0. Convertido em dólar, na cotação de janeiro deste ano, o montante daria US\$ 7,3 mil.

Caso fosse descontada toda a carga tributária apontada pela Anfavea, este preço cairia para US\$ 4,9 mil, valor baixo se comparado com os preços internacionais. Pode até ser, mas o Palio Fire e seu baixo nível de conteúdo só existe no Brasil e países vizinhos, portanto não há como compará-lo com um carro global. Além disso, o real desvalorizado deixa qualquer veículo bem barato em dólares.

Moan insiste que, mesmo com tantos encargos, o preço do carro brasileiro evolui em ritmo menor do que a inflação. O IPCA, considerando toda a economia, aumentou 187,3% de 2004 a 2015, ao passo que a evolução dos valores dos veículos neste mesmo período foi de 123,4%.

“Em 1995 um Volkswagen Gol custava o equivalente a US\$ 9 mil, o que correspondia a 107 salários mínimos. Em 2015 este valor era de US\$ 8,2 mil, algo em torno de 40 salários mínimos”, indica.

Claro, o salário mínimo subiu acima da inflação e o real perdeu mais de 50% de seu valor diante do dólar só no último ano, o que distorce completamente essa comparação.

## **MAS E O PREÇO DO CARRO?**

Os dados expostos pela Anfavea mostram que o plano de abrir a caixa preta do preço do carro no Brasil ficou só na promessa. No lugar de um estudo do valor cobrado por automóveis no País, a entidade mostrou levantamento sobre a carga tributária.

Há quase três anos a Anfavea declarou estar trabalhando no material. Ainda assim, os dados foram divulgados oportunamente quando o dólar está valorizado, o que dá a falsa impressão de que os preços praticados no Brasil estão abaixo do mercado global.

A comparação mais justa deveria ser feita pela paridade de poder de compra ao mostrar, por exemplo, quantos salários médios são necessários para comprar determinado carro no mercado nacional e em outros países.

Neste caso, o modelo analisado teria de ter o mesmo nível de equipamentos nos dois países, incluindo sistemas como controle eletrônico de estabilidade (ESC), que é obrigatório na Europa, mas localmente ainda tem participação tímida nas vendas.

### **Procura por máquinas cai mais que o esperado**

05/02/2016 – Fonte: Automotive Business



O fraco desempenho no setor de máquinas agrícolas e rodoviárias em janeiro surpreendeu até mesmo os fabricantes do setor. Em janeiro foram vendidas 1.570 unidades, volume 53,2% menor que o do primeiro mês do ano passado. No caso dos tratores de rodas, as 1,1 mil unidades resultaram em queda ainda mais acentuada, de 57,9%.

“Confesso que não esperávamos uma queda tão acentuada para esses modelos. Isso mostra que as questões políticas contaminam o nível de confiança do consumidor”, afirma Luiz Moan, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

As colheitadeiras tiveram queda menor, de 12,2%, porque o mês é forte na venda desses equipamentos. Já a entrega de 102 retroescavadeiras em janeiro resultou em recuo expressivo de 61,8% ante o mesmo mês de 2015.

“Isso reflete a queda no setor da construção civil e também o fato de que o início do ano passado ainda estava sob o efeito das compras do PAC”, recorda Moan sobre o Programa de Aceleração do Crescimento.

Os tratores de esteiras também anotaram retração, mas de 28,6%, com 25 unidades entregues. Sobre o desempenho do setor, Moan afirma: “Esperamos uma reversão nos próximos meses.” A entidade projeta pequeno crescimento de 2% nas vendas de máquinas em 2016.

## PRODUÇÃO E EXPORTAÇÕES

A produção de máquinas agrícolas e rodoviárias em janeiro somou 1,6 mil unidades, resultando em queda de 64,8% ante janeiro do ano passado. "Nos próximos meses ainda teremos produção muito baixa para ajuste dos estoques", adverte Moan.

O baixo desempenho do segmento reflete a pequena produção de tratores de rodas e consequente queda de 64,7%, quase a mesma do setor como um todo. A produção de colheitadeiras somou 269 unidades, levando em recuo de 41,8%.

As exportações do setor somaram 328 unidades neste início de ano, com queda de 40,6%. O único segmento de máquinas que passou de uma centena de embarques foi o de tratores de rodas, com 143 unidades. As 33 colheitadeiras exportadas representaram queda de 70% e as 53 retroescavadeiras, de 63,9%.

### **Tombo nas vendas de veículos já era esperado pela Anfavea**

05/02/2016 – Fonte: Automotive Business



O tombo das vendas de veículos no Brasil em janeiro preocupa, mas não surpreende a Anfavea, associação das montadoras. Em coletiva de imprensa na quinta-feira, 4, o presidente da entidade, Luiz Moan, assegura que a queda já era esperada. "Já sabíamos os resultados do primeiro trimestre deste ano apresentariam reduções muito fortes em relação ao ano passado", diz.

Isso acontece, segundo a entidade, por causa da base de comparação forte, com bom volume de vendas em janeiro de 2015, quando a alíquota do IPI voltou a ser cobrada integralmente, mas algumas marcas ainda vendiam carros do estoque com desconto no imposto.

O resultado de janeiro também pode ter sido impactado pela corrida das montadoras no mês anterior para emplacar carros e fechar o ano com boa posição no ranking de vendas.

Com isso, o mês passado terminou com apenas 155,2 mil unidades vendidas, entre veículos leves e pesados. O volume é 38,8% inferior ao registrado um ano antes e 31,8% menor do que o anotado em dezembro. É o patamar mais baixo para janeiro desde 2007, quando o mercado interno somou 152,9 mil veículos.

Houve queda importante nas vendas de veículos leves, de 38,7%, para 149,8 mil unidades. Ainda assim, mais uma vez o maior tombo foi registrado no emplacamento de pesados. O licenciamento de caminhões novos diminuiu 45,4% e chegou a 4,4 mil veículos. No segmento de ônibus a baixa foi de 44,9%, para apenas mil chassis.

## EXPECTATIVAS

Ainda que a Anfavea amenize a forte queda das vendas de veículos, a média diária de janeiro foi menor do que a projetada pela entidade. No início de 2016 Moan declarou esperar que os emplacamentos se mantivessem no patamar de 9,4 mil veículos/dia ao longo deste ano.

O resultado de janeiro foi bastante inferior a este patamar. O mês, que teve 20 dias úteis sem descontar o feriado do aniversário de São Paulo, maior mercado nacional de veículos, somou apenas 7,7 mil emplacamentos/dia.

Mesmo com o resultado, a Anfavea sustenta a projeção para o ano. Na análise da entidade o mercado interno convergirá para queda menor, de 7,5% na comparação com 2015, com 2,37 milhões de emplacamentos.

Moan assegura que não pretende recorrer ao governo em busca de alívio para o momento difícil. "Entendemos a necessidade de ajuste fiscal e não vamos pedir redução de carga tributária", aponta. Segundo ele, os encargos chegam a 27,1% dos custos de um veículo 1.0.

Para o executivo, a crise enfrentada pela indústria automotiva local é passageira e o mercado brasileiro permanece promissor. "Nossa taxa de motorização é baixa, em torno de 5,5 habitantes por veículo, menor do que a que vemos na Argentina", calcula.

Segundo ele, este é um indicador do potencial para o longo prazo. "O Brasil vai superar a marca dos 5 milhões de veículos por ano", aponta, sem arriscar um prazo para que isso aconteça.

### **Codistil deve fechar unidade em Jaboatão**

05/02/2016 – Fonte: Diário de Pernambuco



A Codistil Nordeste, do grupo Dedini, cuja unidade está localizada em Jaboatão dos Guararapes, demitiu dia 02 de fevereiro 26 funcionários da linha de produção. Esses eram os últimos que atuavam no setor, que chegou a ter mais de 500 trabalhadores. Segundo o sindicato da categoria, a empresa irá encerrar as atividades no estado.

As demissões vinham acontecendo desde o ano passado. No comunicado entregue aos funcionários desligados ontem, a empresa diz que a rescisão do contrato é pela necessidade de "adequação do quadro funcional à realidade do mercado". Para garantir o recebimento das verbas rescisórias, os profissionais decidiram acampar no local.

"Isso representa o fim da operação no estado. O caso ficou mais complicado quando eles perderam o contrato que possuíam com o Estaleiro Atlântico Sul. Desde o ano passado estão atrasando os salários por vários meses.

Por isso os trabalhadores decidiram ocupar o local até serem atendidos e os valores pagos", afirmou o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco (Sindmetal/PE), Henrique Gomes. Ontem, o sindicato solicitou uma mediação com o Ministério Público do estado para tratar da situação da empresa.

Na Codistil Nordeste, como é conhecida a unidade pernambucana do grupo, são fabricados equipamentos em aço inox para clientes regionais e internacionais. O Diário tentou várias vezes ontem entrar em contato com representantes do grupo mas não obteve retorno.

No ano passado, o Grupo Dedini entrou com pedido de recuperação judicial no Fórum

de Piracicaba, em São Paulo. Na ocasião, o passivo total da empresa foi avaliado em R\$ 300 milhões. Entre credores, bancos, trabalhadores, fornecedores e o Fisco.

"O que nos preocupa é que essa não é a única empresa reduzindo as operações. Apenas da semana passada para cá fomos informados de, pelo menos, três casos. Uma empresa de caldeiraria em Sirinhaém nos informou que também está fechando devido ao fim de alguns contratos de trabalho.

Em Paulista, uma indústria de produtos metálicos transferiu trabalhadores para outras unidades. Em Prazeres, uma fábrica de fogão e tanquinho está em recuperação judicial e mandou todos os funcionários para casa sem realizar o pagamento. Já denunciemos ao Ministério Público do Trabalho e esperamos uma reunião. O cenário está preocupante", enfatizou o presidente do sindicato.

### **Folgas do Carnaval serão "esticadas"**

05/02/2016 – Fonte: Diário do Comércio

Para ajustar a produção à baixa demanda, as montadoras mineiras vão "esticar" as folgas de Carnaval neste ano. A Mercedes-Benz, em Juiz de Fora (Zona da Mata), manterá o parque fabril parado entre os dias 8 e 12 de fevereiro, ou seja, toda a semana.

Na Iveco, em Sete Lagoas (região Central), a folga para os trabalhadores será entre segunda e quarta-feira, sendo que normalmente a produção retorna na quarta à tarde. E a Fiat Automóveis mantém as férias coletivas de 20 dias iniciadas em 27 de janeiro.

Nenhuma companhia informou quanto deverá parar de produzir neste período, por ser uma informação estratégica. Mas é fato que a parada mais longa na produção está ligada ao mau momento do mercado, que tem deixado os pátios lotados.

A estratégia não é uma exclusividade das empresas localizadas no Estado e segue a mesma lógica das montadoras de todo o País. Na região do ABC Paulista, grande polo brasileiro automobilístico, muitas montadoras já anunciaram que vão interromper atividades durante toda a semana. Também vão realizar paralisações de uma semana ou mais, partindo de segunda-feira, as montadoras Ford, General Motors, MAN Latin America, Volkswagen e Volvo.

No caso da Fiat, a situação está um pouco mais complicada uma vez que a parada, iniciada em 27 de janeiro, será de 20 dias. E as férias coletivas vieram depois de outras paradas técnicas entre o fim do ano passado e o começo deste.

Antes, a montadora concedeu férias coletivas para os funcionários da planta de Betim de 20 dias, entre agosto e setembro, medida que envolveu 3 mil trabalhadores da área de produção.

A montadora, inclusive, perdeu a liderança nos emplacamentos de automóveis e comerciais leves para a General Motors em janeiro, segundo dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). A baixa nas vendas no primeiro mês do ano foi de 37,1% para a montadora frente a janeiro de 2014, ao passar de 439.165 unidades para 258.980.

A Iveco também apresentou queda na fabricação de veículos pesados no primeiro mês do ano. Ao todo, a empresa emplacou 259 unidades de caminhões e ônibus no período, número 46% inferior ao registrado em idêntico mês do exercício passado.

## **Bradesco capta US\$ 375 milhões para financiar pequenas e médias empresas**

05/02/2016 – Fonte: Diário do Comércio

O Bradesco captou US\$ 375 milhões junto ao braço financeiro do Banco Mundial, International Finance Corporation (IFC), para financiar pequenas e médias empresas. A operação será feita em duas tranches, com aporte de US\$ 150 milhões de recursos do próprio IFC, pelo prazo de 5 anos.

Os outros US\$ 225 milhões virão de um grupo de bancos que incluem o espanhol Santander, o alemão Commerzbank e o Banco Nacional de Abu Dhabi com, respectivamente, US\$ 90 milhões, US\$ 75 milhões e US\$ 60 milhões de participação, pelo prazo de três anos.

A captação dessa linha, segundo a diretora executiva do Bradesco, Marlene Millan, acontece em um momento oportuno. Demonstra, conforme ela, confiança do IFC e dos bancos estrangeiros no Bradesco e no Brasil, que enfrenta um cenário de recessão com impacto direto nas pequenas e médias empresas. Além de menor apetite desse público em tomar risco, ainda enfrentam uma maior seletividade dos bancos para emprestar.

A carteira de micro, pequena e média empresa do Bradesco encerrou dezembro com saldo de R\$ 110,386 bilhões, montante 1,2% inferior ante setembro e 5,3% menor em um ano. Com o crédito recuando, os calotes subiram.

O índice de inadimplência deste público, levando em conta atrasos acima de 90 dias, subiu de 5,26% em setembro para 5,98% em dezembro. Em um ano, estavam em 4,7%. Para este ano, o Bradesco prevê que sua carteira de crédito à pessoa jurídica total fique estável em 2016 e, na melhor das hipóteses, cresça 4%.

“Nosso objetivo é contribuir para impulsionar o crescimento das pequenas e médias empresas que desempenham um papel importante na economia brasileira”, diz o diretor executivo do Bradesco, Altair Antônio de Souza, em nota, acrescentando que o Bradesco participa do Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais (GTP-APL) e atua junto a 57 setores da economia em todo o País.

Segundo ele, os US\$ 375 milhões captados serão direcionados para linhas de capital de giro, investimentos na produção e de apoio à exportação. O programa é organizado pelo Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (Mdic) e conta com o apoio de entidades governamentais, associações empresariais e instituições de crédito.

“O acesso ao financiamento para as PME é um elemento-chave da estratégia do IFC de promoção ao crescimento econômico inclusivo e ajudar a promover o desenvolvimento sustentável do Brasil”, destaca Ariane Di Iorio, Executiva do IFC responsável por Instituições Financeiras, em nota ao Broadcast.

“O foco do Bradesco em PMEs, aliado à sua extensa rede de distribuição no País, contribuirá para maximizar o alcance deste investimento e ajudar a expandir o acesso ao financiamento no Brasil”, acrescenta ela.

## **Volvo se prepara para desaceleração nos EUA depois de lucro abaixo do esperado**

05/02/2016 – Fonte: R7

A fabricante de caminhões sueca Volvo previu uma desaceleração mais acentuada que a esperada no mercado norte-americano de caminhões pesados neste ano e disse que



cortará a produção no país depois de divulgar alta um pouco abaixo do previsto no lucro do quarto trimestre.

A Volvo, rival da alemã Daimler e das marcas de caminhões da Volkswagen, está lidando com a queda da demanda por veículos comerciais nos Estados Unidos e no Brasil e um recuo nas compras de seus equipamentos para construção na China.

Embora as vendas de caminhões na Europa estejam crescendo, a capacidade do grupo de evitar as quedas em outros lugares é um teste para a empresa mais enxuta que a Volvo tem procurado criar ao longo de anos de cortes de custos, com meta de 10 bilhões de coroas suecas neste ano.

A maior companhia sueca em receita disse que o lucro operacional ajustado no quarto trimestre subiu para 4,57 bilhões de coroas (543,76 milhões de dólares), ante 3,02 bilhões de coroas um ano antes, ficando pouco abaixo de uma estimativa média de 4,72 bilhões de coroas em uma pesquisa da Reuters com analistas.

## **Produção industrial recua em 9 dos 14 locais pesquisados em dezembro**

05/02/2016 – Fonte: R7



A produção industrial brasileira recuou em 9 dos 14 locais pesquisados na comparação de dezembro do ano passado com novembro, na série com ajuste sazonal — levando em consideração as diferenças sazonais entre os dois meses — de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os recuos mais intensos foram em Pernambuco (-11,9%), Amazonas (-7,1%) e Santa Catarina (-5,4%). Já em relação a dezembro de 2014, a indústria caiu em 13 dos 15 locais e Amazonas (-30,0%), Espírito Santo (-19,1%) e Paraná (-16,1%) mostraram os recuos mais intensos.

No acumulado do ano, houve quedas em 12 dos 15 locais e cinco recuaram com intensidade superior à média nacional (-8,3%): Amazonas (-16,8%), Rio Grande do Sul (-11,8%), São Paulo (-11,0%), Ceará (-9,7%) e Paraná (-9,6%).

### **Comparação com dezembro de 2014**

Em relação a dezembro de 2014, o setor industrial recuou (-11,9%) em dezembro de 2015, com 13 dos 15 locais pesquisados com resultados negativos. Os recuos mais intensos foram no Amazonas (-30,0%), Espírito Santo (-19,1%) e Paraná (-16,1%), pressionados, em grande parte, pela queda na fabricação dos setores de bebidas (preparações em xarope para elaboração de bebidas para fins industriais), de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (televisores, gravador ou reprodutor de sinais de áudio e vídeo - DVD, home theater e semelhantes, computadores, rádios para veículos automotores, receptor-decodificador de sinais de vídeo codificados, telefones celulares e monitores de vídeo para computadores), de outros equipamentos de transporte (motocicletas e suas peças) e de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (naftas para petroquímica, óleos combustíveis e óleo diesel), no primeiro local; de indústrias extrativas (minérios de ferro pelotizados),

no segundo; e de veículos automotores, reboques e carrocerias (automóveis, caminhão-trator para reboques e semirreboques e caminhões), no último.

Ceará (-13,4%) e São Paulo (-12,4%) também tiveram quedas mais acentuadas que a média nacional (-11,9%), enquanto Rio Grande do Sul (-11,5%), Minas Gerais (-10,9%), Rio de Janeiro (-10,2%), Pernambuco (-9,8%), Santa Catarina (-9,8%), Bahia (-6,0%), região Nordeste (-5,6%) e Goiás (-1,8%) completaram o conjunto de locais em queda no mês.

Já Mato Grosso (18,7%) e Pará (3,7%) mostraram avanços, impulsionados, em grande parte, pelo comportamento positivo de produtos alimentícios (carnes de bovinos frescas ou refrigeradas, tortas, bagaços, farelos e outros resíduos da extração do óleo de soja e óleos de soja em bruto) e de produtos de madeira (madeira serrada, aplainada ou polida), no primeiro local; e de indústrias extrativas (minérios de ferro em bruto), no segundo.

Os sinais de diminuição no ritmo produtivo também ficaram evidentes no confronto dos índices do terceiro com o quarto trimestre de 2015, ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Dez dos quinze locais pesquisados mostraram perda de dinamismo, acompanhando o movimento do índice nacional (de -9,3% para -11,8%).

Nesse mesmo tipo de confronto, Espírito Santo (de 1,5% para -14,3%), Bahia (de -1,5% para -9,5%), Amazonas (de -15,2% para -23,1%), Goiás (de -2,0% para -7,5%), Paraná (de -10,3% para -15,6%), Região Nordeste (de -0,8% para -5,1%) e Rio de Janeiro (de -7,3% para -10,4%) apontaram as maiores perdas, enquanto Ceará (de -12,1% para -10,5%) e Mato Grosso (de 8,2% para 9,0%) assinalaram os principais ganhos entre os dois períodos.

No acumulado do ano, houve reduções em 12 dos 15 locais pesquisados e cinco recuaram com intensidade superior à média nacional (-8,3%): Amazonas (-16,8%), Rio Grande do Sul (-11,8%), São Paulo (-11,0%), Ceará (-9,7%) e Paraná (-9,6%). Santa Catarina (-7,9%), Minas Gerais (-7,9%), Bahia (-7,0%), Rio de Janeiro (-6,5%), Pernambuco (-3,5%), Região Nordeste (-3,0%) e Goiás (-2,5%) completaram o conjunto de locais em queda no ano.

Nesses locais, o menor dinamismo foi influenciado pela diminuição na fabricação de bens de capital (em especial aqueles voltados para equipamentos de transportes – caminhão-trator para reboques e semirreboques, caminhões e veículos para transporte de mercadorias); bens intermediários (autopeças, derivados do petróleo, produtos têxteis, produtos siderúrgicos, produtos de metal, petroquímicos básicos, resinas termoplásticas e defensivos agrícolas); bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos da 'linha branca' e da 'linha marrom', motocicletas e móveis); e bens de consumo semi e não-duráveis (medicamentos, produtos têxteis, vestuário, bebidas e alimentos).

Por outro lado, Pará (5,7%), Mato Grosso (4,7%) e Espírito Santo (4,4%) assinalaram os avanços no índice acumulado no ano, impulsionados, em grande parte, pelo comportamento positivo vindos de indústrias extrativas (minérios de ferro em bruto), no primeiro local; de produtos alimentícios (tortas, bagaços, farelos e outros resíduos da extração do óleo de soja, carnes de bovinos frescas ou refrigeradas e óleos de soja em bruto), no segundo; e de indústrias extrativas (minérios de ferro pelotizados e óleos brutos de petróleo), no último.

Em dezembro de 2015, o acumulado nos últimos 12 meses (-8,3%) teve a perda mais intensa desde novembro de 2009 (-9,4%) e manteve a trajetória descendente iniciada em março de 2014 (2,1%).

Houve quedas em 12 dos 15 locais e, também, 12 apontaram menor dinamismo frente a novembro.

As principais reduções de ritmo entre novembro e dezembro foram: Espírito Santo (de 7,1% para 4,4%), Amazonas (de -14,9% para -16,8%), Paraná (de -8,1% para -9,6%), Ceará (de -8,5% para -9,7%), Rio de Janeiro (de -5,7% para -6,5%) e Rio Grande do Sul (de -11,0% para -11,8%). Já Mato Grosso (de 3,9% para 4,7%) teve o principal ganho no período.

### **Usiminas demitirá 1,8 mil funcionários em Cubatão**

05/02/2016 – Fonte: DCI

A unidade da Usiminas em Cubatão, na Baixada Santista (SP), confirmou que vai demitir 1,8 mil funcionários, entre metalúrgicos e engenheiros, até o final deste mês.

Segundo a empresa, a redução da capacidade produtiva da usina vai levar à desativação de algumas áreas da unidade, que foi prejudicada pela redução do consumo de aço no país. "Os desligamentos seguem o cronograma de desativação dos equipamentos", informou o grupo.

A siderúrgica garante que serão oferecidos benefícios aos demitidos, entre eles a prioridade na recontração em caso de reativação dos equipamentos. A empresa informou ainda que vai redirecionar cerca de 300 empregados para outras atividades.

O presidente do Sindicato dos Siderúrgicos e Metalúrgicos da Baixada Santista, Florêncio Resende de Sá, estima que sete mil empregos indiretos serão afetados. Ele afirma que, desde o dia 19 de janeiro, 800 empregados diretos da Usiminas foram dispensados, dos quais 750 eram operadores e 50, engenheiros.

O sindicato estima que 53 empresas terceirizadas de Cubatão serão prejudicadas. O número de demitidos na região poderia ficar entre 23 mil e 30 mil. /ABr.

### **Gerdau fecha acordo de cooperação técnica em chapas grossas com japonesa JFE Steel**

05/02/2016 – Fonte: CIMM

A Gerdau informou nesta quinta-feira (4) produção ter firmado acordo de cooperação técnica com a segunda maior produtora de aço do Japão, JFE Steel Corporation, para a produção de chapas grossas no Brasil, produto voltado a atender o mercado das Américas.

O acordo permitirá antecipar para julho a entrada em operação do laminador de chapas grossas na usina Ouro Branco (MG). Inicialmente, a entrada em operação do laminador estava prevista para o final de 2016. A JFE é controlada pela JFE Holdings.

"Os consultores técnicos da JFE apoiarão à Gerdau a elevar o domínio tecnológico da produção de chapas grossas, permitindo assim uma evolução mais rápida de seus processos de fabricação", disse a Gerdau em comunicado sem informar contrapartidas.

Este é o segundo acordo acertado pela Gerdau com grupos de siderurgia do Japão este ano. No final de janeiro, a companhia brasileira anunciou que vai formar uma joint-venture com Sumitomo Corporation e a Japan Steel Works dedicada ao fornecimento a partir de 2017 de componentes para energia eólica, um dos poucos segmentos da indústria brasileira com demanda ainda aquecida por aço.

Segundo a Gerdau, o acordo abrangerá tanto a laminação quanto a aciaria. A produção das chapas grossas na usina de Ouro Branco permitirá a substituição de parte das importações desse produto no Brasil e o atendimento a novos nichos de mercado, completou a Gerdau.

A capacidade instalada anual do novo laminador é de 1,1 milhão de toneladas de chapas grossas, que são utilizadas nos setores da construção civil, óleo e gás, naval, energia eólica, rodoviário, máquinas e equipamentos, entre outros.

A Gerdau, maior produtora de aços longos das Américas, iniciou a produção de aços planos no Brasil em 2013, com a instalação de um laminador de bobinas a quente com capacidade para 800 mil toneladas por ano. Em janeiro deste ano, o laminador atingiu a marca de 1 milhão de toneladas de produção desde o início de sua operação, informou a empresa.

### **DeltaWing e DHX querem encolher motores sem comprometer a potência**

05/02/2016 – Fonte: CIMM



O DeltaWing Technology Group e a DHX Electric Machines, ambas localizadas na Georgia, nos EUA, estão trabalhando em conjunto para construir motores elétricos automotivos pequenos e leves. As companhias alegam que, graças a desenvolvimentos de engenharia em controle de calor, seus motores são 75% menores que os existentes com entrega de potência equivalente.

Muito do volume dos motores elétricos de alto torque, como os tipicamente utilizados em aplicações automotivas, deve-se aos sistemas de gerenciamento de calor associados às suas carcaças, e os esforços para reduzi-los usualmente se traduzem em perdas de torque de saída quando sob uso intensivo.

Um motor mais compacto e leve reduz o peso total do veículo e pode ser melhor posicionado neste, melhorando a eficiência do conjunto, o que, por sua vez, se traduz em maior autonomia.

Em um motor elétrico, os enrolamentos são responsáveis pela maior parte do calor gerado durante o uso. Normalmente, ou o ar ou algum fluido refrigerante será utilizado para transferir este calor para o chassi e para a carcaça através do estator, que, ao contrário daqueles, é fixo a estes elementos.

No projeto da DHX, um trocador de calor no enrolamento transfere a energia térmica para a carcaça de forma mais eficiente. A DHX chama o sistema de "Direct-Winding Heat Exchanger" (DWHX, ou algo como "trocador de calor diretamente no enrolamento"), o qual é constituído por pequenos canais projetados para reduzir a resistência térmica do enrolamento. Esta solução substitui a necessidade de refrigeração com líquidos, pesados, ou ar, ineficiente.

A DeltaWing, que ficou amplamente conhecida através de uma colaboração recente com a Nissan para o projeto de um carro de corrida, por sua vez, vai projetar veículos para utilizar o novo motor. Atualmente, a companhia produz os "Panoz DeltaWing Racing coupe", homologados para competição na IMSA (Associação Internacional de Esporte a Motor).

Os veículos para desenvolvimento e produção utilizando os motores da DHX incluirão conceitos com duas, três e quatro rodas, variando entre motonetas, veículos urbanos, carros adequados à estrada e veículos de entrega. Os motores serão desenvolvidos tanto para utilizar alimentação por bateria como para aplicação em veículos híbridos.

## Bandeira amarela alivia IPCA de março, mas não projeção para 2016

05/02/2016 – Fonte: Estado de S. Paulo



A redução na conta de energia a partir de março por causa da mudança na cor da bandeira tarifária, de vermelha para amarela, deve permitir um alívio entre 0,12 ponto e 0,15 ponto porcentual na inflação do próximo mês, segundo economistas consultados pelo Broadcast, serviço de notícias em tempo real da *Agência Estado*.

Para os analistas, a medida anunciada esta semana é bem-vinda neste momento em que a inflação acumulada em 12 meses segue em dois dígitos. Mas como já era aguardada para algum momento deste ano e há outras pressões inflacionárias à frente, a mudança não deve afetar as estimativas para o IPCA fechado de 2016.

Ministro Eduardo Braga sinalizou que governo pode alterar as bandeiras em maio. Para Márcio Milan, analista da Tendências Consultoria Integrada, a redução terá um impacto negativo de 0,15 ponto porcentual no IPCA de março, que deve terminar em 0,30%, bem abaixo do 1,32% de março de 2015.

Além disso, ele espera que, com a bandeira atual (vermelha 1, ou rosa, que acrescenta R\$ 3,00 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos) dando lugar à amarela (que acrescenta R\$ 1,50 a cada 100 kWh), a inflação fechada do primeiro trimestre deve ser de 2,10%.

Em igual período de 2015, o IPCA encerrou em 4,83%. Caso o sistema de bandeira tarifário seja alterado para verde em abril, como espera o governo, "o impacto pode chegar a 0,40 ponto porcentual", disse Milan.

**Bandeira verde.** A modificação também já estava presente nos cenários da LCA. A consultoria prevê uma diminuição de 0,15 ponto porcentual na inflação de março.

Sobre a sinalização do ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, de que a intenção do governo é alterar o sistema para o de bandeira verde em maio, o que resultará em nova queda de R\$ 1,50, a LCA é cautelosa. "Nosso cenário para o IPCA prevê que a mudança para bandeira verde ocorrerá em junho", informa a consultoria.

A despeito do alívio esperado para a inflação em março e possivelmente à frente quando se cogita implementar a bandeira verde, os analistas são cautelosos em estimar que o

IPCA de 2016 poderá ter desaceleração para uma taxa abaixo do teto da meta, de 6,50%.

“Não muda, pois há outras pressões, como em alimentos, que estão puxando mais que o esperado, e de tarifas públicas, especialmente em transporte urbano, que também vieram maior que o previsto. De certa forma, um movimento compensa o outro”, avalia Milan, que estima IPCA de 7% este ano.

Já a MCM está em processo de revisão das suas expectativas e, por enquanto, a projeção para o IPCA está em 7,40%.

**IPCA de janeiro.** Analistas ouvidos pela *Agência Estado* preveem que o IPCA de janeiro, que será divulgado hoje, fique entre 0,94% e 1,21%. A mediana ficou em 1,10%. Foram ouvidos 52 instituições de mercado.

Apesar da aceleração em relação a dezembro (0,96%), as estimativas são inferiores à alta de 1,24% de janeiro do ano passado. Com isso, a taxa acumulada em 12 meses até janeiro de 2016 tende a desacelerar para entre 10,35% e 10,64%, conforme o piso e o teto das previsões.

### **Código de mineração entra na pauta de votações da câmara**

05/02/2016 – Fonte: Reuters

O projeto que estabelece um novo marco para a exploração mineral no país, o chamado Código da Mineração, foi inserido na pauta do plenário da Câmara dos Deputados. A proposta tramitava em uma comissão especial, mas vencido o prazo para análise nessa instância, foi puxado, na quarta-feira, para a pauta de votações da Câmara. O tema foi abordado pela presidente Dilma Rousseff na terça-feira, em sua mensagem ao Congresso, lida em cerimônia de abertura dos trabalhos no Legislativo.

Na ocasião, a presidente disse que pretendia ver “retomado o debate” sobre o marco regulatório da mineração, uma das medidas citadas por ela para melhorar o ambiente de investimentos no país.

O governo editou o novo código na tentativa de modernizar as regras que regem o setor desde a década de 1960, além de definir royalties e novos prazos para que os detentores de direitos sobre as jazidas iniciem a exploração e a produção.

A proposta apresentada pelo governo em 2013 foi juntada a outro projeto, que já tramitava na Câmara desde 2011.

A inclusão na pauta não significa necessariamente que o marco regulatório será votado. Há outros itens na lista de votação antes do Código de Mineração, assim como medidas provisórias e propostas que tramitam sob regime de urgência constitucional, que trancam a pauta e têm prioridade de votação.

### **Setor de autopeças prevê mais 8 mil demissões neste ano**

05/02/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

O setor de autopeças, que demitiu 29,8 mil trabalhadores em 2015, prevê pelo menos mais 8,4 mil cortes neste ano, diante das projeções da continuidade de queda das vendas de veículos.

Hoje o setor emprega 164,9 mil pessoas, o menor contingente em 25 anos, de acordo com dados disponíveis no relatório anual do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças).



O investimento das empresas do setor, de US\$ 622 milhões, foi 55% inferior ao de 2014 e este ano deve ser ainda menor, US\$ 575 milhões. O faturamento nominal recuou 17,7%, para R\$ 63,2 bilhões e a perspectiva para 2016 é de estabilidade.

Diversas empresas, especialmente de pequeno porte, são as mais afetadas pela crise. Em São Paulo, a Metalúrgica Cartec, uma das 40 mil fabricantes de autopeças do estado, informa que em quatro anos seu faturamento encolheu pela metade. "Em 2011, eu produzia por mês 170 mil peças; agora, faço no máximo 90 mil", diz o presidente, Valter Kwast.

O faturamento da empresa, que produz tubos de alta pressão para motores a diesel e componentes de injeção de combustível para caminhões, ônibus e tratores, hoje é de R\$ 3,5 milhões por mês, 50% da receita há quatro anos.

A Cartec demitiu 20 funcionários em janeiro, 10% da sua mão de obra. "No ano passado a gente fechou acordo com o sindicato de redução de jornada. Agora, vamos propor trabalhar uma hora mais por dia e dispensar o pessoal cinco horas antes na sexta-feira. A ideia é economizar com uma refeição e reduzir em 5% os gastos com energia", afirma Kwast.

Para Joseph Couri, presidente do Sindicato da Micro e Pequena Indústria, as perspectivas são sombrias para o setor. "Quando a montadora diz que caiu a produção em quase 30%, o pequeno fabricante de autopeça teve uma redução, na maioria das vezes, maior que isso."

## **Reposição**

O contraponto para o momento, no entanto, fica para as fabricantes voltadas para o mercado de reposição.

"Esse é um mercado que tende a reagir bem sempre que há queda de carros novos, aumentando o interesse nos usados", afirma Couri. "O problema é que o comércio, aqui, é cheio de distribuidores pequenos. A empresa tem de se acostumar e se adaptar a vender 10 peças para um, 30 para outro e por aí vai."

Em Guarulhos, o empresário Ancelmo Lopes, que desenvolve linhas para suspensão de automóveis, conta que a procura por seus produtos cresceu cerca de 20% em comparação ao ano passado.

"O dólar mais alto fez com que nosso produto ficasse mais barato que o asiático. A situação melhorou", diz ele, que produziu em janeiro 120 mil peças, ante 80 mil por mês no 1.º semestre de 2015.

"Com a situação favorável, investi R\$ 1 milhão em uma nova linha", diz Lopes, que acaba de contratar dez funcionários.